

A epistemologia em Michel Foucault

José do Nascimento

Doutor em Ciências Sociais pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação “Escola de Sociologia e Política” de São Paulo, é docente do Centro de Ensino Superior “Plínio...” – CESUP e do programa de Mestrado em Educação da UCDB.

Nos tempos atuais emergiu, com destacada importância, um ramo da Filosofia denominado Epistemologia ou Filosofia da Ciência. Ela deseja indicar à pesquisa científica seus objetivos, seus métodos e seus critérios de verificação (Mondin, 1981-1983, p. 279). No entanto, a Epistemologia se inscreve dentro de um espaço demarcado pela História da Filosofia, a partir da Filosofia Moderna, que se relaciona com a Metodologia em Filosofia (cf. Giles, 1979, p. 13-34)

Giles declara que “na filosofia, como em outras disciplinas, a solução de problemas é o resultado da articulação de algum método, ou seja, de algum mecanismo ou instrumental, que possa determinar os critérios da veracidade ou falsidade”. Assim, continua o autor supra citado,

na filosofia, de acordo com a diversidade dos problemas, vários métodos têm surgido no decorrer dos séculos, mas há duas constantes que sempre aparecem nessa variedade de métodos: a base de todos os métodos é o senso comum, ou o bom senso, o conhecimento que surge a partir

da própria experiência da vida, conhecimento compartilhado por todos.

A outra constante é a intuição, ou seja a capacidade natural que o homem tem de adquirir o conhecimento de certos princípios fundamentais, sob condições de exercer bem essa capacidade.

Não existe um método perfeito, mas podemos elencar dentro do gradiente metodológico, que são as vias empírico-indutiva e categórico-indutiva, cinco métodos que surgiram na História da Filosofia: a dúvida metódica, sendo seu representante máximo Descartes, o método dialético, por Hegel, o método fenomenológico, por Husserl, o método de análise filosófica, sendo os seus principais formuladores Ludwig Wittgenstein, Bertrand Russell, Rudolph Carnap, Gilbert Ryle e Alfred Ayer, e, finalmente, o método de análise estruturalista, representado por Claude Lévi-Strauss, Michael Foucault, Louis Althusser, Jacques Lacan, Noam Chomsky e Jacques Derrida.

Werner Market (1986, p. 308), livre docente de Sociologia pela Universidade

de Frankfurt, em seu artigo “Ciência da educação entre modernidade e pós-modernismo” encarece a importância da epistemologia declarando que “as sucessivas conjunturas das ciências da educação negligenciariam, no mais das vezes, a reflexão epistemológica ou o teste empírico”.

Na realidade, há vasta bibliografia com enfoque nos vários métodos, aqui preconizados, que merece ser investigada, pesquisada e redesenhada. A título de exemplo, citamos três livros: “Epistemologia: a cientificidade em questão”, organizada por Alberto Oliva, professor de Filosofia da Ciência da UFRJ. Este livro foi editado pela Editora Papyrus (Campinas-SP). Trata-se de um simpósio sobre as várias posições epistemológicas apresentadas por especialistas, evidenciando-se a sua relevância nos fundamentos da educação. O segundo livro tem como título “As Fronteiras da Epistemologia: como se produz o conhecimento” da autoria de Luiz Carlos Bombassaro, professor da Universidade Federal do Paraná e cuja tese central versa sobre a racionalidade e a historicidade da Epistemologia. O terceiro livro é da autoria de Hilton Japiassu sobre “Questões Epistemológicas”, editado pela Imago, cujas preocupações centrais são as de levantar e analisar certas questões que a reflexão filosófica não pode ignorar.

Em seguida a este quadro de referência, fazemos uma redução fenomenológica para apresentarmos o pensamento epistemológico de Michael Foucault.

Foucault se insere no grupo dos filósofos estruturalistas. O estruturalismo é, essencialmente, uma reação contra o existen-

cialismo que põe em evidência o valor do indivíduo, a sua independência, a sua liberdade, a sua autonomia em relação ao Estado, à sociedade, ao universal, ao geral, às leis e às estruturas. Assim cada homem é um caso a parte. É o primado da existência sobre a essência, o que existe é a situação pessoal, diante da qual cada um é chamado a tomar posição e a decidir.

O estruturalismo põe as estruturas como fundamento de toda a conduta humana. É com Claude Lévi-Strauss que o estruturalismo assume a forma generalizada de sentido filosófico e surge o método de análise estruturalista. A estrutura aparece como modelo que nasce da observação de relações e é nessas relações se constitui em modelo. O modelo é a formulação do real e constitui, portanto, a base que revela a estrutura. Entre os vários modelos possíveis, o verdadeiro é aquele que é o mais simples e que corresponde às duas condições de não utilizar outros fatos além dos admitidos e de proporcionar uma explicação geral do todo. Assim compreendido, verifica-se que o método de análise estruturalista revela o processo propriamente humano pelo qual o homem dá sentido ao objeto.

Vale observar que foram os antropólogos culturais que se apropriaram do método de análise estruturalista e o aplicaram ao estudo do homem, sendo Claude Lévi-Strauss o primeiro a fazer a transposição, a partir da cultura dos povos primitivos. Aqui no Brasil (1935), quando assumiu a cadeira de Sociologia na USP, entrou logo em contato com as populações indígenas no

interior e participou de várias expedições científicas ao Mato Grosso e à Amazônia Meridional.

Diferentemente de Lévi-Strauss, Michael Foucault concentra a sua atenção mais nas sociedades evoluídas, modernas, do que nas primitivas, selvagens.

Para se compreender a tradição culturalista de Michael Foucault, é necessário que se diga que nasceu na França, em Poitiers, em 1926. Fez seus estudos na École Normale Supérieure de Paris. As suas intensas e múltiplas experiências culturais (medicina, filosofia, psicologia, história), amadurecidas durante permanências na Suíça, na Polônia e na Alemanha e o estudo aprofundado de autores como Georges Dumézil, Jean Delay e Maurice Blanchot permitiram-lhe colocar-se bem cedo entre os maiores protagonistas da grande revolução cultural e filosófica da década de 60, denominada estruturalismo.

Com base nas amplas pesquisas de Foucault, pode-se tirar uma lição epistemológica de grande importância: aquilo que o homem vê e descobre depende de um campo determinado que a sua problemática do momento lhe impede de ver.

Foi a história da medicina que mostrou a Foucault a possibilidade de conduzir uma análise estrutural dos produtos da cultura humana. Passou, assim, para uma pesquisa epistemológica geral, voltada para a descoberta das estruturas fundamentais do conhecimento que estão na base dos vários momentos da história da civilização ocidental moderna.

Para a análise estrutural, Foucault baseia-se na análise da linguagem, inicia-

da por Saussure, que começa deslocando-a dos níveis dos fenômenos para o dos enunciados.

Dentre os seus escritos mais importantes, "*As palavras e coisas*" (1967), Foucault demonstra que cada período da cultura tem o seu "a priori histórico", que consiste no substrato comum a todas as ciências, artes e ideologias e que condiciona o pensamento e a atividade dos homens de tal período. Usa o termo *episteme* para significar o campo particular, o espaço de ordem no qual, em cada época, formam-se os "a priori históricos" onde a *episteme* é única, ao passo que a sua imagem se reflete, inevitavelmente, em todos os campos do pensamento humano, porque ela se encontra sempre na origem do pensamento.

Quando Foucault trata do "*triedo dos saberes*", diz que o campo epistemológico que as ciências humanas percorre não foi prescrito de antemão por nenhuma filosofia, nenhuma opção política ou moral, nenhuma ciência empírica, qualquer que ela seja, nenhuma observação do corpo humano, nenhuma análise da sensação, da imaginação ou das paixões... As ciências humanas apareceram no dia em que o homem se constituiu, na cultura ocidental, ao mesmo tempo, como "o que é necessário para pensar e o que há a saber" (p. 45-46).

O "*triedo dos saberes*" este representado, no domínio da *episteme* moderna, como um espaço volumoso e aberto segundo três dimensões: numa das dimensões situar-se-iam as ciências matemáticas e físicas, para as quais a ordem é sempre um encadeamento dedutivo e linear de pro-

posições evidentes e verificáveis; numa outra dimensão são as ciências da linguagem da vida, de produção e da distribuição das riquezas; e quanto à terceira dimensão, seria a reflexão filosófica que se desenvolve como o pensamento do mesmo “triedo”, juntamente com a dimensão lingüística, da biologia e da economia. Nisto se desenvolve um plano comum e abrangente.

Segundo Foucault, entre as três dimensões que se abrem para as ciências humanas, a das matemáticas talvez seja a menos problemática: é com ela que as ciências humanas mantêm relações mais claras, mais serenas e, de qualquer modo, as mais transparentes.

Com relação ao objeto das ciências humanas, não é a linguagem (falada só pelos homens), mas esse ser que, no interior da linguagem pela qual está cercado, possui, ao falar, o sentido das palavras ou das proposições que anuncia e obtém, finalmente, a representação da própria linguagem.

Numa primeira abordagem, pode-se dizer que o domínio das ciências é ocupado por três regiões epistemológicas, a saber: a biologia, a economia e a filologia (p. 60)

É importante ressaltar que, desde o século XIX, as ciências humanas não cessaram de se aproximar da região do inconsciente, de sorte que as consciências humanas não falam senão dentro do elemento do representável, mas segundo uma dimensão consciente-inconsciente tanto mais vinculada quanto se tente pôr a claro a ordem dos sistemas, das regras e das normas. Tudo se passa, como se a dicotomia do normal

e do patológico tendesse a desvanecer-se em proveito da bipolaridade da consciência e do inconsciente.

Para Foucault, o homem que surge no início do século XIX é um ser “desistorizado”, isto em decorrência de que “o homem não se oferece ao saber científico senão na medida em que fala, trabalha e vive; poderá a sua história ser outra coisa senão o nó inextricável de tempos diferentes que lhe são estranhos e que são heterogêneos uns aos outros?”, pergunta. E a sua resposta vem em torno dos três modelos: “História que concerne agora ao próprio ser do homem, dado que se verifica que não só tem ele em torno de si ‘história’, mas que ele mesmo é, na sua “historicidade” própria, aquilo pelo qual se desenha uma história da vida humana, uma história da economia, uma história das linguagens” (p. 78).

Sobre a psicanálise e a etnologia, diz Foucault, elas ocupam um lugar privilegiado. Elas têm a ver mais com a posição que ocupam e com a função que exercem no espaço geral da *episteme*. Particularmente, a psicanálise tem a tarefa de fazer falar, através da consciência, o discurso do inconsciente e avança na direção da região fundamental onde estão em jogo as relações da representação e da finitude.

Se a psicanálise se coloca na região ou dimensão do inconsciente, a etnografia coloca-se na região da historicidade, embora Foucault reconheça a dificuldade em sustentar que a etnologia tenha uma relação fundamental com a historicidade, pois ela é, tradicionalmente, o conhecimento dos povos sem história.

Mas a etnologia avança para a região onde as ciências humanas se articulam com a biologia, a economia, a filosofia e a lingüística. E a problemática geral da etnologia é a das relações entre a natureza e a cultura.

A lingüística, no pensamento de Foucault, assume a forma de uma teoria pura da linguagem. E tem-se uma ciência, perfeitamente fundada na ordem das positivities exteriores ao homem e que, atravessando todo o espaço das ciências humanas, alcançaria a questão da finitude. Mas a análise lingüística é mais uma percepção do que uma explicitação: isto significa que ela é constitutiva do seu próprio objeto.

Foucault se empenha em descobrir a *episteme* dos principais períodos da história moderna, da Renascença até a atualidade. Um estudioso do estruturalismo, que foi Lepargneur (1972, p. 80-81), sumariza estes períodos.

1. Século XVI, até o fim do Renascimento. Aqui existe uma unidade imediata entre as palavras e as coisas, isto é, o livro da natureza e o livro da ciência são homogêneos. O ser humano, e talvez os outros objetos, são microcosmos: o mundo todo em resumo. A palavra é o espelho ou o substituto perfeito da coisa.

2. Período clássico (século XVII-XVIII). O domínio da razão vem substituir o reino da imaginação. O novo soberano não é mais a natureza, mas o discurso que ordena (Descartes, Lógica de PortRoyal) como

um quadro com duas dimensões.

3. Período moderno (século XIX-XX). O novo soberano é o homem mesmo e o seu reino privilegiado é a história, que vai impor suas leis à análise da produção, dos seres orgânicos e dos grupos lingüísticos. Até o fim do século XVIII, o homem não existia: a *episteme* clássica não permitia uma ciência do homem. Agora, abre-se a perspectiva da análise da sua finitude.

4. Na atualidade, temos o momento estruturalista, a soberania das estruturas inconscientes. Foi o estudo da linguagem que provocou a dissolução da imagem do homem como ser consciente: através dele um outro fala, pensa, move-se.

Em que pese a crítica que podemos fazer à interpretação de Foucault, devemos ressaltar a sua originalidade e profundidade nas suas intuições e na extensão de sua informação.

Concordamos com Battista Mondin (op. cit., p. 228), quando declara a importância da epistemologia de Foucault para a filosofia da linguagem através dos seus enunciados: "*descrição das coisas enquanto ditas*". Ele fez, no que se refere à linguagem, o que Husserl, em sua fenomenologia, fez em relação ao pensamento e que Heidegger, em sua hermenêutica, fez em relação ao ser (Dasein).

Na atualidade, o pólo epistemológico está girando em torno da racionalidade e da historicidade e, nesta posição, Foucault é um dos expoentes da epistemologia.

Bibliografia

BATTISTA, Mondin, *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*. São Paulo: Paulinas, 1981-83.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. *As fronteiras da epistemologia: como se produz o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1992.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. In: *Portugália*. [S.l.: s.n., s.d.]. (Coleção Problemas).

GILES, Thomas Ransom. *Introdução à filosofia*. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1979.

LEPARGNEUR, H. *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo: Herder, 1972.

OLIVA, Alberto (org.). *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Campinas-SP: Papirus, 1990.

WERNER, Markert. Ciência da educação entre modernismo e pós-modernismo. *Rev. Bras. Pedag.*, Brasília, 67 (156), p. 306-19, maio/ago. 1986.